

**“O Alquimista” – H.P. Lovecraft****Tradução: Renato Suttana****Quem é Renato Suttana?**

Renato Suttana é doutor em Letras e professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. É autor de *Visita do fantasma na noite* (poesia, 2002), *João Cabral de Melo Neto: o poeta e a voz da modernidade* (ensaio, 2005), *Bichos* (poesia, 2005), *Fim do verão* (poesia, 2009) e *Uma poética do deslimite: poema e imagem na obra de Manoel de Barros* (ensaio, 2009), além de outros publicados na Internet. Suttana também mantém seu site na web <http://www.arquivors.com>. Contatos com o tradutor podem ser feitos pelo email: [rsuttana@arquivors.com](mailto:rsuttana@arquivors.com)

**O ALQUIMISTA**

No alto, coroando o topo gramado de um morro cujos flancos, próximo à base, são guarnecidos pelas árvores de galhos retorcidos da floresta primeva, situa-se o velho *chateau* de meus ancestrais. Durante séculos, suas ameias altíssimas têm vigiado a paisagem selvagem e irregular à sua volta, servindo de lar e de refúgio para a casa altiva cuja honorável linhagem é mais velha do que as muralhas do castelo que o musgo recobre. Essas torres antigas, batidas durante gerações inteiras pelas tempestades e que aos poucos vão cedendo à lenta mas incoercível pressão do tempo, compuseram na época do feudalismo uma das mais temidas e formidáveis fortalezas de toda a França. Das suas galerias, parapeitos e ameias, barões e condes e mesmo reis foram desafiados, sem que em seus largos vestíbulos jamais tivesse ressoado o som dos passos do invasor.

Mas, desde aqueles dias gloriosos, tudo mudou. Uma pobreza pouco mais que remediada, somada a um orgulho de casta que proíbe aliviá-la com recurso aos expedientes comerciais, impediu os descendentes de nossa casa de conservarem o antigo esplendor de suas propriedades; e o aspecto decadente dos muros, a vegetação crescida dos parques, o fosso seco e pedregoso, os pátios mal pavimentados, as torres arruinadas, bem como os pisos destruídos, os lambris carcomidos e as tapeçarias gastas, tudo conta a triste história de uma grandeza decadente. Enquanto as épocas passavam, primeiro uma, depois outra das quatro grandes torres desmoronou, até que finalmente restou apenas uma para abrigar os descendentes daqueles que um dia foram os poderosos senhores da propriedade.

Foi numa das câmaras amplas e depressivas dessa torre remanescente que eu, Antoine, o último dos infelizes e malditos condes de C\*\*\*, vi pela primeira vez a luz do dia, há noventa longos anos. Entre estes muros e em meio às florestas negras e sombrias, às ravinas selvagens e às grutas da encosta abaixo, transcorreram os primeiros anos de minha tormentosa vida. Meus pais, eu nunca os conheci. Meu pai morreu quando tinha trinta e dois anos, um mês antes de eu nascer, atingido por uma pedra que de algum modo se desprendeu dos parapeitos desertos do castelo. E, tendo minha mãe morrido quando nasci, minha educação e minha formação ficaram a cargo do único serviçal que restou, um homem velho e fiel, de considerável inteligência, cujo nome – lembro-me – era Pierre. Sendo filho único, a falta de companhia que isso acarretou para mim foi acrescentada pelo cuidado estranho que meu velho protetor me dedicava, afastando-me dos filhos dos camponeses cujas moradias se espalhavam aqui e ali pelos plainos que rodeiam a base da colina. Naquele tempo, Pierre disse que tal restrição era imposta sobre mim porque minha ascendência nobre me colocava acima das associações com tão plebeia companhia. Agora sei que seu real objetivo era manter distante de meus ouvidos certas histórias acerca da temível

maldição que pende sobre nossa linhagem, histórias que eram contadas à noite e aumentadas pela raia miúda, entre sussurros à luz de suas lareiras.

Assim, isolado e deixado à própria sorte, passava eu as horas de minha infância debruçado sobre os velhos tomos que enchiam a penumbrosa biblioteca do *chateau*, ou a perambular sem destino e sem propósito através das sombras perpétuas da mata espectral que circunda o lado da colina próximo à base. Foi talvez por um efeito de tais deambulações que minha mente adquiriu, muito cedo, certa tonalidade melancólica. Aqueles estudos e perquirições que se voltam para o que há de escuro e de oculto na natureza atraíram fortemente a minha atenção.

Sobre minha própria raça foi-me permitido aprender bem pouco. No entanto, por menor que fosse, tal conhecimento me oprimiu bastante. Talvez tenha sido no princípio apenas a relutância de meu velho preceptor em discutir comigo sobre minha ascendência paterna que deu origem ao terror que sempre senti à simples menção de minha grande casa, porém à medida que fui crescendo tornei-me capaz de ajuntar fragmentos esparsos de discurso, involuntariamente escapos de uma língua que a senilidade começava a trair, os quais tinham algum tipo de relação com certa circunstância que sempre considerei estranha, mas que logo se tornou sombria e terrível. A circunstância a que aludo é a idade precoce na qual todos os condes de minha linhagem encontraram o seu fim. Enquanto até então considerei isso como sendo apenas o atributo natural de uma família de homens que morriam jovens, ponderei depois, longamente, sobre essas mortes prematuras e comecei a conectá-las com as tresvariações do velho, o qual falava frequentemente de uma maldição que durante séculos fizera com que as vidas daqueles de quem herdei o título não excedessem o prazo dos trinta e dois anos. Quando fiz vinte e um anos, o idoso Pierre me entregou um documento de família que, segundo dizia, ao longo de muitas gerações tinha sido passado de pai para filho, continuando a sê-lo por cada possuidor. Seu conteúdo era de uma natureza absolutamente espantosa, e sua leitura confirmou as minhas mais graves apreensões. Por essa época, minha crença no sobrenatural era firme e bem assentada, caso contrário teria tratado com desdém a narrativa incrível que se desdobrou diante dos meus olhos.

O papel levou-me de volta aos dias do décimo terceiro século, quando o velho castelo onde eu morava fora uma fortaleza temida e inexpugnável. Falava de certo homem, muito velho, que um dia habitara em nossas propriedades, pessoa de não pequenas habilidades, embora se tratasse de pouco mais que um camponês, de nome Michel, comumente designado pelo sobrenome de Mauvais, o Mau, por conta de sua reputação sinistra. Tinha estudos superiores aos da sua casta, buscando tais coisas como a Pedra Filosofal e o Elixir da Vida Eterna, e sua reputação era grande como conhecedor de Magia Negra e Alquimia. Michel Mauvais tinha um único filho, Charles, um jovem tão hábil quanto o pai nas artes ocultas, e que por isso era chamado de Le Sorcier, ou o Mago. Esse par, evitado por toda a gente honesta, era suspeito das práticas mais infames. Dizia-se que o velho Michel tinha queimado viva a própria esposa, num sacrifício ao Demônio, e o desaparecimento inexplicável de muitos filhos pequenos de camponeses era atribuído aos umbrais temíveis desses dois. No entanto, através da natureza negra do pai e do filho, passava ainda assim um raio redentor de humanidade: o homem mau amava sua cria com enorme intensidade, enquanto o jovem nutria pelo pai uma mais que filial afeição.

Certa noite, o castelo mergulhou em grande confusão, com o desaparecimento do jovem Godfrey, filho de Henri, o conde. Um grupo de busca, liderado pelo pai em desespero, invadiu a cabana dos feiticeiros e caiu sobre o velho Michel Mauvais, que se achava ocupado em mexer um grande caldeirão fervente. Sem uma causa definida, na loucura des governada que vem da fúria e do desespero, o conde deitou as mãos no idoso mago e, antes mesmo que o libertasse, sua vítima já não mais respirava. Entrementes, alegres criados alardeavam que o jovem Godfrey tinha sido encontrado numa câmara distante e pouco utilizada do grande edifício, dizendo tarde demais que o velho Michel fora morto em vão. Enquanto o conde e seus seguidores se retiravam

da pobre habitação do alquimista, a figura de Charles Le Sorcier surgiu de entre as árvores. A tagarelice excitada dos caseiros informou-o logo do que ocorrera, mas ele não demonstrou a princípio nenhuma reação frente ao destino do pai. Só então, avançando lentamente para o conde, pronunciou num acento monótono e ao mesmo tempo terrível a maldição que para sempre assombraria a casa de C-:

*“Que nobre algum da tua estirpe matadora  
Idade venha a ter mais do que tens agora.”*

Assim falou e, de repente, recuando em direção à mata, sacou de sua túnica um frasco contendo um líquido incolor que atirou contra a face do assassino de seu pai, para desaparecer em seguida em meio aos cortinados escuros da noite. O conde morreu sem dizer uma palavra, sendo enterrado no dia seguinte, com pouco mais do que trinta e dois anos contados a partir do seu nascimento. Nenhum vestígio do assassino foi encontrado, conquanto bandos incansáveis de camponeses tivessem batido toda a mata circundante e as campinas ao redor do monte.

Assim o tempo e a falta de algo que a recordasse sopitaram a memória da maldição nas mentes da família do conde, a tal ponto que, quando Godfrey, causa inocente de toda a tragédia e agora portador do título, foi morto por uma flecha, durante uma caçada, com a idade de trinta e dois anos, em nada se pensou a não ser na dor de seu desaparecimento. Porém, quando, anos mais tarde, o jovem conde seguinte, de nome Robert, foi encontrado morto sem causa aparente num campo próximo, os camponeses murmuraram que seu senhor mal tinha completado o trigésimo segundo aniversário quando a morte o surpreendeu. Louis, filho de Robert, se afogou no fosso com a mesma idade fatal, e assim a crônica ominosa prosseguiu ao longo dos séculos: Henris, Roberts, Antoinés e Armands, todos arrancados de suas vidas felizes e virtuosas com pouco menos idade que a do seu desafortunado ancestral que cometera o assassinato.

Que me restavam ainda, quando muito, sete anos de existência tornou-se uma certeza para mim quando li tais palavras. Minha vida, que até então tivera pouco valor, tornou-se para mim mais preciosa a cada dia que passava, ao mesmo tempo em que mergulhei mais e mais fundo nos mistérios do mundo oculto da magia negra. Isolado como eu vivia, a ciência moderna não produzira nenhuma impressão em mim, e lidava como se vivesse na Idade Média, tão ávido quanto o velho Michel e o jovem Charles da aquisição do saber demoníaco e alquímico. No entanto, por mais que lesse, não podia atinar com o estranho feitiço que pesava sobre minha linhagem. Em certos momentos de racionalidade incomum, eu poderia ir ao ponto de procurar uma explicação racional, atribuindo as mortes precoces de meus ancestrais ao sinistro Charles Le Sorcier e seus herdeiros. Contudo, tendo descoberto, após cuidadoso inquérito, que não havia descendentes conhecidos do alquimista, eu mergulharia de novo nos estudos ocultos e tentaria de novo encontrar um encantamento que pudesse livrar minha casa de seu terrível fardo. De uma única coisa, porém, estava certo: jamais me casaria, desde que, não havendo mais nenhum ramo vivo de minha família, eu poderia desse modo, em mim mesmo, dar fim à maldição.

Quando me aproximei da idade dos trinta, o velho Pierre partiu desta para a melhor. Sozinho, sepultei-o sob as pedras do pátio ao longo do qual ele amava perambular enquanto vivo. Assim, tomei consciência de ser a única criatura viva que ainda restava na grande fortaleza, e na solidão extrema minha mente começou a esmorecer em seu vão protesto contra o fado iminente, reconciliando-se quase com o destino que tinha sido o de muitos de meus ancestrais. Grande parte do meu tempo era agora empregada na exploração das salas e torres ruínas e abandonadas do velho *chateau*, que na juventude o medo me fizera evitar, e algumas das quais o velho Pierre me dissera não tinham sido pisadas por pés humanos por mais de quatro séculos. Estranhos e inquietantes eram muitos dos objetos que encontrei. Móveis cobertos pela poeira das eras e desmanchando-se na umidade dos anos caía-me sob os olhos. Teias de aranha numa

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

